



ARTIGOS PRINCIPAIS

A pentecostalidade como elo de unidade: o legado de Francisco e a reconfiguração do diálogo entre católicos e pentecostais

Pentecostality as an Ecumenical Link: Francis's Legacy and the Reconfiguration of the Dialogue between Catholics and Pentecostals

David Mesquiati de Oliveira *

RESUMO: O artigo analisa o legado teológico do Papa Francisco e sua contribuição para a aproximação entre a Igreja Católica e o movimento pentecostal. Parte-se do diagnóstico de barreiras históricas – proselitismo e indiferença institucional – que consolidaram uma relação concorrencial. O objetivo é investigar como a “Cultura do Encontro” e a categoria de “pentecostalidade” oferecem chaves de leitura para a unidade cristã. Sustenta-se a hipótese de que o pontificado de Francisco promoveu uma “virada profética”, reorientando o ecumenismo da dogmática formal para um ecumenismo espiritual, no qual a experiência do Batismo no Espírito Santo pode funcionar como fundamento compartilhado de comunhão. Metodologicamente, realiza-se pesquisa qualitativa bibliográfico-documental, articulando o magistério recente a iniciativas contemporâneas de unidade. Conclui-se que a unidade se compreende como processo de “caminhar juntos” em que fraternidade e amizade social precedem e sustentam o diálogo teológico.

PALAVRAS-CHAVE: Papa Francisco. Ecumenismo. Pentecostalidade. Cultura do Encontro. Diálogo Católico-Pentecostal

ABSTRACT: The article examines Pope Francis's theological legacy and his contribution to bringing the Catholic Church and the Pentecostal movement closer together. It starts from a diagnosis of historical barriers—proselytism and institutional

* Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

indifference—that have consolidated a competitive relationship. The objective is to investigate how the “Culture of Encounter” and the category of “Pentecostality” offer keys to understanding Christian unity. It supports the hypothesis that Francis’ pontificate promoted a “prophetic shift,” reorienting ecumenism from formal dogmatics to spiritual ecumenism, in which the experience of Baptism in the Holy Spirit can function as a shared foundation for communion. Methodologically, qualitative bibliographic-documentary research is carried out, articulating recent magisterium with contemporary initiatives for unity. It is concluded that unity is understood as a process of “walking together” in which fraternity and social friendship precede and sustain theological dialogue.

KEYWORDS: Pope Francis. Ecumenism. Pentecostality. Culture of Encounter. Catholic-Pentecostal Dialogue.

Introdução

A divisão entre os cristãos é, historicamente, um dos maiores entraves à credibilidade da mensagem cristã, constituindo o que o Documento de Aparecida e o Magistério de Francisco classificam como um “escândalo para o mundo” (Maçaneiro, 2013; Leite, 2021). No contexto contemporâneo, esse cenário de fragmentação acentuou-se com a expansão global do movimento pentecostal, que hoje representa o segmento cristão de maior crescimento, desafiando a hegemonia histórica do catolicismo, especialmente na América Latina (Oro; Alves, 2017; Anderson, 2020).

O problema central que este artigo enfrenta reside na transição de um enquadramento de “beligerância oficial” e “indiferença concorrencial” para um modelo de diálogo efetivo. Por décadas, a relação entre católicos e pentecostais foi marcada pelo proselitismo e por mútua desqualificação, em que evangélicos eram lidos como “seitas” e o catolicismo como uma instituição apóstata (Alencar, 2015, 2018; Oro; Alves, 2017). O surgimento da Renovação Carismática Católica (RCC) na década de 1960 ofereceu uma ponte inicial, mas o movimento acabou por ser “enquadrado” institucionalmente, muitas vezes reforçando barreiras identitárias em vez de as dissolver (Benedetti, 2009; Carranza, 2000).

O objetivo do artigo é analisar como o legado teológico do Papa Francisco ofereceu novos operadores analíticos para superar essas barreiras. Para isso, investiga como sua proposta de uma “Cultura do Encontro” e a valorização da “Pentecostalidade” da Igreja permitem uma reaproximação que não exige a uniformidade doutrinária, mas valoriza a “diversidade reconciliada” (AL, n. 139).

A hipótese é que o pontificado de Francisco promoveu uma “virada profética” ao reorientar a ênfase do ecumenismo da dogmática formal para

o “ecumenismo do espírito”. Sustenta-se que a ação do Espírito pelo batismo no Espírito Santo – ainda que tenha variação interpretativa – funciona como um solo pneumatológico comum, um elo ecumênico, que permite que a fraternidade preceda e sustente os futuros construtos teológicos.

O referencial teórico ancora-se no conceito de “Pentecostalidade” proposto pelo teólogo pentecostal Bernardo Campos, definido como:

Entendemos por pentecostalidade aquele princípio e aquela prática religiosa moldados pelo acontecimento de Pentecoste. Trata-se de uma experiência universal que eleva à categoria de “princípio” (arqué ordenador) as práticas pentecostais que procuram ser concretizações históricas dessa experiência primordial (Campos, 2002, p. 85).

Complementam essa base a eclesiologia do “poliedro”¹ de Francisco, que respeita a integridade de cada face na unidade (EG, n. 236), e a hermenêutica ecumênica de Elias Wolff (2018), que propõe o diálogo não apenas como método, mas como cultura constitutiva da fé.

A metodologia adotada é a pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e documental. Analisa-se o Magistério recente (*Evangelii Gaudium*, *Fratelli Tutti* e *Amoris Laetitia*) e alguns relatórios da Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal, confrontando-os com experiências práticas de ecumenismo espiritual, como o movimento ENCRISTUS, a Missão Somos Um, o Fórum Pentecostal e a RELEP.

O artigo organiza-se em quatro seções: (1) percurso histórico da ecumenicidade católica; (2) pentecostalidade como princípio constitutivo e elo ecumênico; (3) contribuições de Francisco, com ênfase na “teologia dos gestos”; e (4) impactos e limites de recepção em plataformas brasileiras de unidade.

1. Da teologia do retorno à cultura do encontro: a reconfiguração da ecumenicidade católica

A compreensão católica sobre a unidade cristã percorreu, ao longo do século XX, um caminho de profundas rupturas paradigmáticas. Até o período que antecedeu o Concílio Vaticano II, a postura oficial da Igreja Católica Apostólica Romana era balizada pelo que a historiografia e a teologia denominam “Teologia do Retorno” (Leite, 2021). Sob esse modelo, a unidade era concebida exclusivamente como o regresso das comunidades

¹ Essa imagem foi usada por Walter Kasper (2015) e por Francisco, enquanto Cardeal Jorge Mário Bergoglio (2010).

“dissidentes” à jurisdição de Roma, vista como a única depositária da verdade. Essa perspectiva encontrou sua síntese na Encíclica *Mortalium Animos*, de Pio XI (1928), que proibia a participação de católicos no nascente movimento ecumênico moderno, classificando-o como um risco de “naturalismo e ateísmo” e considerando a agenda ecumênica como falaciosa e “erro gravíssimo”.

Nesse cenário, a Igreja se autocompreendia como uma “sociedade perfeita”, homogênea e visivelmente articulada, o que tornava logicamente inviável a aceitação de outros corpos eclesiais – “A única religião revelada é a Igreja Católica” (MA, n. 8). O Magistério de então justificava o isolamento a partir de uma eclesiologia exclusivista, fundamentada no juridicismo canônico e no triunfalismo, que erguia barreiras intransponíveis ao diálogo, especialmente com os “protestantes”, que eram lidos sob a pecha depreciativa de “seitas”. A unidade não era um “encontro”, mas uma “capitulação”, em que a alteridade do outro não possuía valor salvífico ou eclesial reconhecido.

A virada histórica ocorreu com a inspiração do Papa João XXIII e a convocação do Concílio Vaticano II (1962-1965). O conceito de *aggiornamento* permitiu que a Igreja criticasse sua autorreferencialidade para dialogar com o sujeito moderno e com o pluralismo religioso (Wolff, 2014). A promulgação simultânea da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e do Decreto *Unitatis Redintegratio*, em 21 de novembro de 1964, alterou o diálogo: de um modelo centrado na hierarquia para uma “eclesiologia de comunhão”. O reconhecimento de que a Igreja de Cristo “subsiste” (*subsistit in*) na Igreja Católica, mas que “elementos de santificação e de verdade” existem fora de suas fronteiras visíveis, abriu caminho para o mútuo reconhecimento batismal.

No entanto, o legado de Francisco leva esse amadurecimento conciliar a um novo patamar, deslocando a ênfase da “diplomacia ecumênica” para o que ele denominou “Cultura do Encontro”. Enquanto o ecumenismo clássico muitas vezes estacionou em discussões doutrinárias de cúpula que não alcançavam a base das igrejas, Francisco propôs uma hermenêutica relacional.

Uma das ferramentas interpretativas mais potentes desse legado é a imagem do poliedro, que Francisco contrapõe à esfera. Em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, ele esclareceu: “O modelo não é a esfera, que não é superior às partes, onde cada ponto é equidistante do centro e não há diferenças entre eles; mas o poliedro, que reflete a convergência de todas as partes, cada uma das quais conserva o seu caráter distintivo” (EG, n. 236).

Essa distinção é fundamental para o diálogo católico-pentecostal, pois rompe com a exigência de uniformidade que historicamente alimentou a

mútua desconfiança. Francisco propõe uma “diversidade reconciliada”, na qual a identidade de cada grupo é preservada como um “intercâmbio de dons” (Wolff, 2024a; Phan, 2021). Ao afirmar que “o tempo é maior que o espaço” (EG, n. 222), o Papa retira a ansiedade por resultados institucionais imediatos e foca na iniciação de processos de aproximação (Phan, 2021).

A transição da “Teologia do Retorno” para a “Cultura do Encontro” representou a passagem de uma eclesiologia de conquista para uma eclesiologia de hospitalidade. Francisco não ignorou os conflitos dogmáticos, mas sustentou que a “unidade prevalece sobre o conflito”, permitindo que a experiência comum do Espírito preceda o consenso teológico. O limite desse estado da arte, contudo, permanece na recepção desses gestos pelas bases clericais católicas e pelas pentecostais, que muitas vezes ainda operam sob a lógica da beligerância pré-conciliar (Rosa, 2018; Oliveira, 2021; Alencar, 2018).

2. A pentecostalidade como princípio constitutivo: a base comum da Igreja Cristã

A compreensão da unidade cristã sob o legado de Francisco exige a superação de uma visão reducionista que limita o agir do Espírito Santo a segmentos específicos do cristianismo. Nesse sentido, a categoria de “pentecostalidade” emerge não como um descritor de movimentos extáticos, mas como um princípio ordenador e constitutivo de toda a Igreja Cristã, independentemente de sua matriz denominacional (Rosa, 2016; Leite, 2021). Como observa Bernardo Campos (2018), a pentecostalidade é a “força do Espírito” que torna a Igreja possível como Povo de Deus na história.

Diferente dos “pentecostalismos”, que se referem às construções concretas e institucionais surgidas ao longo da história – sendo a mais conhecida a que avançou no início do século XX –, a pentecostalidade é uma dimensão de experiência inerente a todos os cristãos. Esse princípio ordenador, moldado pelo acontecimento *pneumático* de Pentecostes, é anterior e superior às diferenciações entre católicos, pentecostais ou cristãos tradicionais. A Igreja é, em sua essência, carismática e pentecostal por natureza, pois nasceu e inaugurou sua missão sob o impacto do derramamento do Espírito (Oliveira, 2020; Oliveira; Terra, 2023).

Cristãos tradicionais – luteranos, presbiterianos ou católicos – também vivem a pentecostalidade na medida em que sua vida de fé é pautada pelo seguimento de Jesus Cristo sob a condução do mesmo Espírito. A pentecostalidade atua como um critério de conhecimento que se desdobra em uma “práxis”, na qual o Deus que se revela suscita libertação e salvação na história concreta do povo (Campos, 2018; Merino Beas, 2018).

A relação entre a pentecostalidade e a catolicidade da Igreja é, portanto, de mutualidade. Enquanto a catolicidade expressa a universalidade da Igreja no espaço e no tempo, a pentecostalidade garante a atualidade perene dessa mesma Igreja, impedindo que ela se torne uma peça de museu ou uma estrutura puramente burocrática (Oliveira; Terra, 2023). Francisco, em sintonia com o legado do Cardeal Suenens, descreveu essa realidade como uma “corrente de graça” destinada a toda a Igreja (Adorno, 2020; Calisi, 2025). Para o pontífice, a unidade não é a soma de partes institucionais, mas a harmonia de uma diversidade já unificada pelo Batismo (Rivera; Pamponet, 2019; Adorno, 2020).

Ao mudar o foco dos fenômenos extraordinários (como a glossolalia) para o princípio vital das Igrejas, a noção de pentecostalidade permite que o diálogo católico-pentecostal ocorra sobre uma base comum (Leite, 2021). O reconhecimento de que “todos nós bebemos de um só Espírito” (1Cor 12,13) torna-se o elo ecumênico que sustenta a amizade social (Calisi, 2025; Calisi, 2011). A pentecostalidade, assim compreendida, deixa de ser um fator de divisão para tornar-se o lugar da unidade, onde as diferenças de ritos ou de intensidades da experiência religiosa são vistas como matizes de um mesmo “intercâmbio de dons” (EG, n. 246).

A pentecostalidade é um “fogo que une” o cristianismo ao fundamentar que toda Igreja que tem Jesus como centro é movida pelo Espírito (Orellana; Campos, 2012, 2014). O limite dessa perspectiva reside na dificuldade de muitos setores em abandonar o “exclusivismo pneumatológico”, no qual julgam o outro pela ausência de certas formas externas de fervor, ignorando que o Espírito sopra onde quer e de múltiplas maneiras (Adorno, 2020; Leite, 2021).

3. O legado de Francisco: o “ecumenismo do Espírito” e a teologia dos gestos como ferramentas de aproximação

O legado teológico de Francisco para o ecumenismo contemporâneo não se limitou à emissão de normas ou à reafirmação da dogmática conciliar, mas manifestou-se em uma “virada profética” que privilegiou a “Cultura do Encontro” sobre a autorreferencialidade institucional (Rivera; Pamponet, 2019; Wolff, 2024b). No âmago desse legado encontra-se o conceito de “ecumenismo do espírito” ou “ecumenismo espiritual”, que transfere a centralidade das discussões da “verdade doutrinal” – muitas vezes restrita a peritos e teólogos – para a ordem existencial e para a vida em sociedade (Cipriani, 2018; Wolff, 2024a).

Para Francisco, a unidade cristã não é um projeto humano ou uma estratégia de mercado religioso, mas um acontecer realizado pelo Espírito Santo (EG, n. 244). Essa postura estava fundamentada no que a literatura

qualificou como uma “teologia dos gestos”, na qual as iniciativas, atitudes e decisões do pontífice tornavam-se expressões autênticas da fé da Igreja, superando a frieza diplomática das relações formais (Wolff, 2024a).

Um marco fundamental dessa teologia foi a visita de Francisco à Igreja Evangélica da Reconciliação em Caserta, em 2014, onde o pontífice reconheceu os pentecostais como irmãos e pediu perdão formal pelas perseguições históricas cometidas por católicos (Phan, 2021; Leite, 2021). Esse gesto exemplifica o “intercâmbio de dons”, no qual o reconhecimento da alteridade precede a exigência de uniformidade (Ribeiro, 2016).

Sobre a natureza dinâmica dessa orientação e o papel do Espírito Santo na construção da unidade, o Magistério de Francisco ofereceu uma reflexão que redefiniu a meta ecumênica:

A unidade não acontecerá como um milagre no fim: a unidade acontece no caminho, a realiza o Espírito Santo ao longo do caminho. [...] Se não caminarmos juntos, se não rezarmos uns pelos outros, se não colaborarmos de tantas maneiras que podemos fazer neste mundo pelo Povo de Deus, então a unidade não virá (Francisco, 2014, [n.p.]).

Nesse sentido, o legado de Francisco tensiona as estruturas eclesiais ao propor que a dimensão do Espírito Santo não seja um fator de divisão, mas o substrato comum de uma “diversidade reconciliada” (Francisco, 2014; Cipriani, 2018). A imagem do poliedro, recorrente em seu ensino, garante que a unidade não anule o caráter distintivo de cada confissão, mas que a harmonia seja fruto da ação soberana do Espírito, que “suscita a diversidade, a pluralidade e, ao mesmo tempo, realiza a unidade” (EG, n. 131).

A tríade documental formada por *Evangelii Gaudium*, *Amoris Laetitia* e *Fratelli Tutti* oferece um enquadramento consistente para o diálogo católico-pentecostal. Na EG, Francisco fundamenta a aproximação em uma pneumatologia prática. Na AL, explicita a lógica da “diversidade reconciliada”, distinguindo unidade de uniformidade. Na FT, amplia o horizonte ao situar o ecumenismo no campo da “amizade social” e da “fraternidade universal”, de modo que a colaboração por justiça e paz se torne lugar concreto de comunhão espiritual na história.

A “teologia dos gestos” no pontificado de Francisco representa o avanço da mera “pedagogia ecumênica” para uma práxis em que o ato concreto – como o ajoelhar-se para receber a bênção de pastores ou o pedido de perdão em templos pentecostais – tornou-se uma expressão autêntica e normativa do conteúdo da fé (Calisi, 2025). Tais sinais performativos não são meros recursos comunicativos ou diplomáticos, mas atos teológicos que priorizam o “ecumenismo do caminho” e a mística do encontro. Todavia, enquanto a experiência espiritual é valorizada, setores conservadores e tradicionalistas frequentemente interpretam esses gestos como um “escândalo” ou um risco de “relativismo” que poderia diluir a identidade

e a Tradição Apostólica. O desafio dessa virada profética é evitar que a “disfunção institucional” e o “clericalismo” impeçam que a harmonia do poliedro eclesial se manifeste na liberdade e na caminhada em conjunto (Phan, 2021; Wolff, 2024a).

Francisco desmistificou o ecumenismo como uma tarefa burocrática e o reapresentou como uma exigência da missionariedade cristã. Ao nomear figuras como o protestante Marcelo Figueroa para postos de relevância informativa no Vaticano, Francisco sinalizou que a colaboração precede o consenso (Calisi, 2025, p. 220). O legado teológico aqui analisado revela que o diálogo católico-pentecostal, sob este pontificado, apontou para a superação da disputa por territórios para tornar-se uma busca compartilhada pela sinodalidade, na qual o amor é o carisma que confere credibilidade ao anúncio do Evangelho (Phan, 2021).

4. Plataformas de unidade e o ecumenismo espiritual: a concretização da cultura do encontro

A “virada profética” do Papa Francisco, caracterizada pelo deslocamento da dogmática para o encontro, encontra sua expressão mais vívida em plataformas de unidade que operam no “mundo da vida”. Diferentemente das comissões teológicas tradicionais, movimentos como o ENCRISTUS (Encontro de Cristãos em Busca da Unidade e da Santidade) e a *Missão Somos Um* materializam a eclesiologia do poliedro ao reunir católicos carismáticos e pentecostais clássicos em torno de uma identidade comum: a vivência do Batismo no Espírito Santo como pentecostalidade (Rosa, 2016, 2019).

O movimento ENCRISTUS, surgido em 2008 sob inspiração de iniciativas internacionais da Renovação Carismática Católica (RCC), propõe um modelo de “ecumenismo espiritual” que prioriza a oração conjunta e a reconciliação afetiva para focar no entendimento mútuo (Rosa, 2019). Huanderson Leite destaca a teologia do movimento:

O ENCRISTUS favorece o encontro de evangélicos e católicos, que desejam buscar a santidade e a unidade fraternalmente, movidos pela efusão do Espírito Santo que experimentam em suas Comunidades. Este encontro tem um sentido espiritual, discipular, bíblico e apostólico. Não se trata de uma ‘comissão’ interconfessional, nem de uma instância representativa dos dirigentes das Comunidades participantes [...] Trata-se, sobretudo, de um encontro de irmãos e irmãs que se reconhecem chamados pelo Senhor Jesus Cristo a uma vida de santidade e unidade, conforme o Evangelho (Leite, 2021, p. 141-142).

Esta perspectiva ressoa diretamente com o magistério de Francisco, que sustenta que “a unidade acontece no caminho” (Wolff, 2024; Rafael, 2023).

Em vez de aguardar um consenso doutrinário final para iniciar a colaboração, estas plataformas adotam a “amizade como método”, permitindo que o reconhecimento da fraternidade batismal preceda o intercâmbio teológico (Boareto *et al.*, 2023). A Missão Somos Um, por exemplo, originada na Comunidade Coração Novo (Rio de Janeiro), exemplifica essa dinâmica ao estabelecer uma presidência compartilhada entre católicos e evangélicos, com uma Carta de Intenções avalizada pelo Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos (Leite, 2021).

O diálogo católico-pentecostal atinge sua eficácia pastoral quando o “intercâmbio de dons” é vivenciado na comensalidade e na oração (Boareto *et al.*, 2023; Wolff, 2024b). Nestes espaços, o outro deixa de ser um “competidor de mercado religioso” para ser reconhecido como um “campo de sementeira” do Espírito. Francisco corrobora essa dinâmica ao afirmar que não se trata apenas de receber informações sobre o outro, mas de “recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós” (EG, n. 246).

Contudo, a recepção dessa nova matriz interpretativa enfrenta limites estruturais. Persiste, de um lado, o proselitismo de setores pentecostais que não reconhecem a catolicidade do outro e, de outro, o “institucionalismo” católico que dificulta a comunhão se esta não for mediada estritamente pela hierarquia (Rosa, 2019). O desafio dessas plataformas, portanto, é superar o “colonialismo interno” e o imaginário de beligerância que ainda habitam as bases das comunidades (Boareto *et al.*, 2023; Rosa, 2018).

Uma experiência mais ampla que o Brasil foi o Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLC). Impulsionado pelo Fórum Cristão Mundial (FCM) e pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI), buscou articular igrejas pentecostais rumo a maior integração ao movimento ecumênico, por meio de encontros em diferentes países. Ainda assim, a participação católica encontrou resistências em setores pentecostais (Oliveira, 2013; Barbosa; Oliveira, 2017; Oliveira, 2015; Orellana; Campos, 2012, 2014). Os pentecostais de recorte ecumênico deste fórum viram no pontificado de Francisco uma efetiva aproximação e reconciliação.

Outra articulação latina é a Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais (RELEP), uma associação que reúne acadêmicos pentecostais e estudiosos de pentecostanismos. Desde um olhar interno ao movimento pentecostal, o grupo contribui para uma articulação acadêmica sobre o tema (Barbosa; Oliveira, 2017; Oliveira, 2015). Em 2018, por exemplo, no encontro anual da rede, ocorrido em Curitiba no campus da PUC-PR, realizaram a recepção oficial do documento final da sexta fase do Diálogo Internacional Católico-Pentecostal (Lima; Costa; Gandra, 2018).

O Diálogo Internacional Católico-Pentecostal, instituído oficialmente em 1972 pelo então Secretariado para a Unidade dos Cristãos (hoje Dicastério

para a Promoção da Unidade dos Cristãos), representa um dos marcos mais significativos da recepção eclesiocêntrica e pneumatológica do Concílio Vaticano II para buscar convergências teológicas e experienciais. Estruturado em ciclos de encontros anuais que culminam na redação de relatórios finais – documentos que não buscam a uniformidade institucional, mas a mútua compreensão –, o diálogo já percorreu seis fases fundamentais e atualmente está na sétima (Leite, 2021; Maçaneiro, 2017). Esse percurso histórico e documental demonstra que o diálogo internacional permite que católicos e pentecostais clássicos reconheçam que a ação do Espírito Santo é contínua e diversificada, operando tanto por meio de dons institucionais quanto carismáticos para a edificação do único Corpo de Cristo. No plano nacional, no entanto, há muito para percorrer.

ENCRISTUS, Missão Somos Um, Fórum Pentecostal e RELEP são laboratórios da “diversidade reconciliada”. Eles demonstram que o ecumenismo espiritual não é um esvaziamento da identidade, mas uma oportunidade de maturidade eclesial, onde o amor é o princípio ordenador que torna o Evangelho crível em uma sociedade plural (Merino Beas, 2018; Leite, 2021).

Conclusão

O legado teológico do Papa Francisco operou uma mudança de paradigma fundamental no ecumenismo contemporâneo: a passagem de um modelo focado na uniformidade doutrinal para uma eclesiologia de hospitalidade. A análise do percurso histórico revelou que a superação da “Teologia do Retorno” não se deu apenas por ajustes institucionais, mas por uma “virada profética” que reconheceu a ação do Espírito Santo para além das fronteiras visíveis da Igreja Católica. O deslocamento do diálogo para o campo do “ecumenismo do espírito” permitiu que a experiência compartilhada da pentecostalidade atuasse como o elo que sustenta a comunhão, mesmo onde o consenso dogmático ainda não foi atingido.

A categoria da “Pentecostalidade” emergiu como o operador analítico capaz de unir não apenas carismáticos e pentecostais, mas todo o corpo eclesial. Ao compreender a Igreja como essencialmente *pneumática*, o legado de Francisco desmistifica a ideia de que o fervor espiritual seja um “anexo” à fé, reapresentando-o como o princípio ordenador da missão cristã.

Essa perspectiva dinâmica, sustentada pela “teologia dos gestos” e pela imagem do poliedro, garante que a aproximação entre católicos e pentecostais não resulte em um sincretismo diluidor, mas em uma “diver-

sidade reconciliada” onde as identidades são preservadas e enriquecidas pelo intercâmbio de dons. As plataformas de unidade analisadas, como o ENCRISTUS, a Missão Somos Um, o Fórum Pentecostal e a RELEP, apresentam-se como laboratórios eficazes dessa nova cultura, demonstrando que a comensalidade e a oração comum são capazes de dissolver séculos de preconceitos históricos e beligerância concorrencial.

Contudo, embora o discurso da cúpula e dos especialistas tenha avançado, persiste uma resistência nas bases clericais e nas lideranças pentecostais mais conservadoras, que ainda operam sob a lógica da exclusividade e do proselitismo. O “institucionalismo” católico e o isolacionismo de certas alas evangélicas permanecem como barreiras que apenas uma “conversão do coração” e uma pedagogia do encontro podem transpor.

O legado de Francisco não propõe o fim das diferenças, mas o fim da inimizade. A unidade cristã, sob este pontificado, pode ser compreendida como um processo sinodal de “caminhar juntos” em favor da Casa Comum e da justiça social. Conclui-se, portanto, que a amizade social é o futuro do ecumenismo: um convite para que católicos e pentecostais deixem de se olhar como competidores para se reconhecerem como irmãos que, movidos pelo mesmo Espírito, buscam tornar o Evangelho crível em uma sociedade plural e fragmentada.

Siglas

AL	= Exortação Apostólica <i>Amoris Laetitia</i>
CMI	= Conselho Mundial de Igrejas
EG	= Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
ENCRISTUS	= Encontro de Cristãos em Busca da Unidade e da Santidade
FCM	= Fórum Cristão Mundial
FPLC	= Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho
FT	= Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i>
MA	= Encíclica <i>Mortalium Animos</i>
RCC	= Renovação Carismática Católica
RELEP	= Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais
PUCPR	= Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Referências

ADORNO, Leandro Raser. Papa Francisco e o renovar da Renovação Carismática. *Reveleto*, São Paulo, v 14, n. 26, p. 5- 28, jul/dez 2020.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Ecumenismos e pentecostalismos*. São Paulo: Recriar, 2018.

ALENCAR, Gedeon Freire de. Igreja católica e assembleias de Deus: diálogo ecumênico seria uma relação do pescoço com a guilhotina? In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (org.). *Pentecostalismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 119-131.

ANDERSON, Allan. *Introdução ao Pentecostalismo*. São Paulo: Loyola, 2020.

BARBOSA, Carlos Antônio Carneiro; OLIVEIRA, David Mesquiati de. *As vozes da cooperação I: FPLYC, RELEP e FCM*. São Paulo: Reflexão, 2017.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Novos rumos do catolicismo. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo. *Novas comunidades Católicas*. Aparecida, Idéias & Letras, 2009. p. 17-32.

BERGOGLIO, Jorge Mário. Conferencia del Sr. Arzobispo en la XIII Jornada Arquidiocesana de Pastoral Social. Nosotros como ciudadanos, Nosotros como pueblo. Hacia um Bicentenário en Justicia y Solidaridad, 2010-2016. Buenos Aires, 2010. Disponível em: <http://www.arzbaires.org.ar/inicio/homiliasbergoglio.html>. Acesso em: 01 mar. 2026.

BOARETO, José Antônio; SILVA, Charles Rodrigues Santana; MENEGAZZO, Fábio Massotti; SOUZA, Felipe Biet Andrade; CAETANO, Moisés. A missão da Igreja no diálogo católico-pentecostal: histórico, problemas e perspectivas. *Cadernos de Fé e Cultura*, Campinas, v. 8, p. 1-10, 2023.

CALISI, Matteo. The pentecostal current: a grace for christian Unity. *Revista de Teologia AD Aeternum*, v. 2, n. 10, p. 218-249, 2025.

CALISI, Matteo. The Future of the Catholic Charismatic Renewal. In: SINAN, Vinson (ed.). *Spirit-Empowered Christianity in the 21st Century*. Flórida: Charisma House, 2011. p. 69-106.

CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia*. São Paulo: Recriar, 2018.

CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da Igreja*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002.

CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida: Santuário, 2000.

CIPRIANI, Gabriele. Da fraternidade à comunhão: o ecumenismo do papa Francisco. *Caminhos de Diálogo*, Curitiba, a. 6, n. 8, p. 8-18, jan./jun. 2018.

COSTA, Moab César Carvalho. O sínodo para a Amazônia na perspectiva de um pentecostal: uma análise dos círculos menores na construção do Documento final. *Caminhos de Diálogo*, Curitiba, ano 8, n. 12, p. 46-57, jan./jun. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO. Homilia durante a Celebração das Vésperas na Solenidade da Conversão de São Paulo Apóstolo (25 jan. 2014). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140125_vespri-conversione-san-paolo.htm. Acesso em: 01 mar. 2026.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1922-1939: Pio XI). *Carta Encíclica Mortalium Animos*: sobre a verdadeira unidade religiosa. Vaticano: Santa Sé, 1928.

KASPER, W. Unidade dos cristãos e pentecostalismo: quais as perspectivas. In: MAÇANEIRO, M. (org.) *Teologia em questões*. Aparecida: Santuário, 2014.

KASPER, Walter. Vatican II: Toward a Multifaceted Reality. *Origins*, Washington, v. 45, n. 9, p. 153-160, 2015.

LEITE, Huanderson Silva. *Um ecumenismo do Espírito: o diálogo católico-pentecostal como fruto da ecumenicidade conciliar*. 2021. 161 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

LIMA, Adriano; COSTA, Moab; GANDRA, Valdinei (orgs.). *O Espírito e as Igrejas*. São Paulo: Recriar, RELEP, 2018.

MAÇANEIRO, Marcial. Na unidade do Espírito Santo: observações sobre o diálogo internacional católico-pentecostal. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (org.). *Pentecostanismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 99-117.

MAÇANEIRO, Marcial. Católicos e Pentecostais em diálogo: um sinal dos tempos. *Veni Creator – Revista Teológica da Renovação Carismática Católica do Brasil*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, jul./dez. 2012.

MAÇANEIRO, Marcial. “Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo” (1Co 12,4). Relatório da 6ª fase do Diálogo Internacional Católico-Pentecostal: tópicos fundamentais. *Revista Medellín*, v. XLIII, n. 169, p. 675-702, 2017.

MERINO BEAS, Patricio. Diálogo ecuménico entre católicos y pentecostales. Discípulos constructores de una cultura del encuentro en una sociedad plural. *Cuestiones Teológicas*, Medellín, a. 45 n. 104, p. 299-322, 2018.

NICOLINI, Marcos Henrique de Oliveira. Francisco, o Papa Latino-Americano: carisma, simpatia e pragmatismo nos limites das periferias da existência. *Revista de Teologia da UMESP*, São Bernardo do Campo, v. 10, n. 19, 2013.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. A missão da igreja e o movimento de unidade na perspectiva pentecostal. *Davar Polissêmica*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 158-166, 2021.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Pneumatologia como característica do ser cristão: a contribuição do pentecostalismo ao conjunto do cristianismo. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 52, p. 311-334, 2020.

OLIVEIRA, David Mesquiati de (org.). *Pentecostanismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

OLIVEIRA, David Mesquiati. Os pentecostais e a mesa de debate: o caso do fórum pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLyC). *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 4, n. 2, 2013.

OLIVEIRA, David Mesquiati de; TERRA, Kenner. *Interpretando a bíblia a partir do Espírito: experiência e hermenêutica pentecostal*. Thomas Nelson Brasil: Rio de Janeiro, 2023.

ORELLANA, Luis; CAMPOS, Bernardo (eds.). *Ecumenismo del Espíritu: pentecostalismo, unidad y misión*. Lima: Bassel, 2012.

ORELLANA, Luis; CAMPOS, Bernardo (eds.). *Fuego Que Une: pentecostalismo y unidad de la iglesia*. Lima: FPLC, 2014.

ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. Renovação Carismática Católica e Pentecostalismo Evangélico: convergências e divergências. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 2, n. 30, p. 219-245, 2017.

PHAN, Peter C. O Papa Francisco e o encontro inter-religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 19, n. 59, p. 703-731, maio/ago. 2021.

PIO XI, Papa. *Carta Encíclica Mortalium Animos*: sobre a promoção da unidade de religião. Roma: Vaticano, 6 jan. 1928. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19280106_mortalium-animos.html. Acesso em: 01 mar. 2026.

RAFAEL, Vitor Manuel Raposo. O renovamento carismático católico: uma nova dimensão da espiritualidade na Igreja rumo à unidade. *Revista de Teologia Ad Aeternum*, v. 1, n. 5, p. 62-85, 2023.

RIVERA, Paulo Barrera; PAMPONET, Rogério. A “virada profética”: os encontros do Papa Francisco com os movimentos populares. *Revista Relegens Thréskeia*, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 1-23, 2019.

ROSA, André Luís da. O diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil: uma análise do movimento Encristus. *AZUSA: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 10, n. 1, 2019.

ROSA, André Luís da. O diálogo católico-pentecostal: entrevista com Gedeon Freire de Alencar e apontamentos à luz do papa Francisco. *Caminhos de Diálogo*, Curitiba, a. 6, n. 8, p. 19-30, jan./jun. 2018.

ROSA, André Luís da. Ecumenismo espiritual: um encontro entre pentecostais e católicos carismáticos. *Caminhos de Diálogo*, Curitiba, a. 4, n. 6, p. 39-49, jan./dez. 2016.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *Evangélicos e o papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a encíclica Laudato si'*, do papa Francisco. São Paulo: Reflexão, 2016.

WOLFF, Elias. *Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica*. São Paulo: Paulus, 2014.

WOLFF, Elias. Notas sobre o ecumenismo no magistério do Papa Francisco. *Fronteiras*, Recife, v. 7, n. 1, p. 76-94, jan./jun. 2024a.

WOLFF, Elias. Contribuições do Magistério do Papa Francisco para a hermenêutica ecumênica da fé cristã: aproximações para o ecumenismo na América Latina. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 64, n. 3, p. 1-17, 2024b.

WOLFF, Elias. *Igreja em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2018.

Artigo submetido em 10.04.26 e aprovado em 13.04.26.

David Mesquiati de Oliveira é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRio, Brasil). Professor das Faculdades de Filosofia e História da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas. Orcid.org/0000-0002-5091-9563. E-mail: david.mesquiati@puc-campinas.edu.br

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Cidade Universitária
13087-571 Campinas-SP

Editores: Franklin Alves Pereira e Márcia Eloi Rodrigues

Disponibilidade de dados:

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no artigo.

